

ro da Silveira, V

Pedro da Silveira a um ano do centenário do escritor

bom gigante César Rosa e ao extraordinário Pierluigi Bragaglia (1963-2020)

tor estimulante, audacioso e imprevisível travou o que ainda ali ficaria por fazer, por pouco que fosse, além do ensaio introdutório e das essenciais notas biográficas. Idêntica incompletude tem *O Livro do Gato*, simpática antologia poética inspirada nos pequenos felinos domésticos, de sua predilecção diz-se, havendo transcrições feitas, uma pasta de materiais recebidos a pedido, mas nada de apresentação editorial.

Em contrapartida — e atendendo apenas ao campo literário *strito sensu* —, importa realçar a existência dum livro pronto a publicar. Datado de Setembro de 2001 terá sido um dos derradeiros trabalhos do autor. *Contos Terrestres* assim se chama, e a apresentação em jeito confessional, testamentário, é bastante esclarecedora «da espécie de vício secreto — diz ele — que me tem sido escrever contos». É absolutamente inédita, e certamente surpreendente, por isso vou ler-vos uma parte dela:

Não comecei a escrever contos agora, setentão, quando ainda os escrevo ou revejo. O primeiro escrevi-o em 1941, não completara ainda os dezanove anos, e até foi — oh horror! — publicado, permitam-me não dizer onde. E pelos anos adiante, afóra poesia, escrevi outros. [...] O contista que também sou, ou continuo a pretender que sou, foi-se remetendo à gaveta. E já que virado para as revelações pessoais, faço do leitor paciente meu confessor (ou confidente, segundo prefira) com mais isto.

Além de contista, fui também romancista: de só um romance, o anunciado como a publicar em 1962 nos Sinais de Oeste e que, entre outros anteriores e posteriores títulos, tinha, catorze anos depois, quando o queimeí, o último: *Os Rodovalhos*. [...] Pois é: fiz deste romance em que trabalhara vinte e dois anos, desde 1954, a fogueira que disse. E juntamente queimeí contos, uma novela e os poemas de uma série narrativa, históricos, de intuito satírico, anti-épico. [...] Em 1989 ou já 90 encontrei num baú, entre outros papéis que nele fora guardando, vários contos anteriores àquilo, escapados por esquecidos ao auto-de-fé de 76, alguns completos, outros só em esboço. E então, antes de proceder, como logo pensei, a uma segunda destruição, decidi ler primeiro, colocando-me o mais possível na postura avaliadora de não ser o autor. E o resultado foi não me achar tanto um narrador falhado. Assim, hesitante embora, optei por dar aos salvados os retoques considerados necessários, antes de aos juntar ao posterior a 1976. [...]

Os poucos amigos meus conhecedores da espécie de vício secreto que me tem sido escrever contos acharam que os que lhes dei a ler não eram de botar fora sem mais. E um houve que a esse juízo, já encorajador, acrescentou con-

siderar que vinham ocupar, no panorama da ficção açoriana entre Nemésio e sua geração e a seguinte à minha, quase vazio de testemunhos sobre a realidade social insulana dos anos imediatamente posteriores aos de que tratam *Mau Tempo no Canal* e *O Mistério do Paço do Milhafre*, isto é, os de 1920 e tantos a, maiormente, o meio da centúria finita. A isto chamou o meu amigo «fazer o retrato ficcional de uma época», o que não me atrevo a julgar que tenha feito, ou só em mínima parte fiz. Dito isto, e antes de continuar, impõe-se-me por que nem pouco nem ainda menos me admito um memorialista mudado em ficcionista. Se o serem quase todos os meus contos narrados na primeira pessoa leva a supô-lo, para mim isto é apenas um modo ou jeito em que na ocasião me senti mais calhado; mas que vale o que vale o outro modo de contar, na terceira pessoa. E se nuns como nos outros há matéria autobiográfica, o mesmo se passa com a generalidade dos ficcionistas, que todos contam fundamentando-se no memorial, digamos, transposto: ajustes de contas com situações da vida, a história testemunhada de um tempo em um lugar concreto. O resto, “vestir” o experimentado na própria carne, podem chamar-lhe imaginação, até válida — e pode ser, sem maior dano — mentira do verdadeiro. E dizendo assim, um bocado embrulhonamente, não estou de modo nenhum a querer negar ou disfarçar que narrando retratei personagens que existiram numa era e lugares concretos. Só que não são instantâneos fotográficos, em que um personagem fictício até pode conter vários do real ou um destes dar vários.

[...] A literatura, já se sabe, como já pus lá atrás, faz-se de experiências vividas, não é nada sem a observação do mundo. [...] Além de provirem necessariamente do vivido ou observado interessadamente por quem narra, as ficções com tais conseguidas são ainda fruto de uma herança, ou continuidade, em que todos somos filhos e discípulos. [...]

Acho que não sou de todo destituído de sentido crítico, especialmente em se tratando do alheio. Sobre o próprio, exigente embora, já se sabe: o pai de filhos feios tende a achá-los bonitos; até por se não culpar, o que chamo a mim, não metendo agora no caso os meus amigos leitores conselheiros de alguns destes *Contos Terrestres* — contos porque os conto, na minha maneira de contá-los; terrestres... de acordo com o vindo nos dicionários.

Como disse acima, isto foi escrito em Setembro de 2001 e Pedro da Silveira faleceu em Fevereiro de 2003, e hoje é-nos impossível saber se tentou ao menos que algum editor, continental ou insular, se interessasse por este livro



de prosas breves. A gaveta dum escritor de quase 80 anos, arredado dos círculos literatos e das casas editoriais de um tempo novo, e por feito sem especial paciência já para se maçar com tudo isso, tende a ser funda e compassiva. O silêncio e a indiferença da posteridade imediata acabarão, uma vez mais, por fazer o resto, na ausência de herdeiros activos ou de outra e nova geração de escritores disposta a descobrir ou redescobrir nos que a precedeu — até lê-los já seria bom... — algo que importe fixar e sobretudo não a ameace num país em que leitura como hábito de primeira necessidade é coisa de poucos.

Mutatis mutandis para o muito que Pedro da Silveira recolheu e compilou de literatura popular, e que no seu espólio abunda num magma caótico mas de borbulhar persistente e resistente. *Romances e outras rimas da tradição açoriana* agrega praticamente 700 folhas nas caixas 10 e 11. Outro monumento etnográfico é *Como se traz em dizer. Novos subsídios para o Rifoneiro dos Açores*, com 305 folhas, a que se juntam 162 de materiais de trabalho, todas elas na caixa 7. *Nove contos populares da Ilha de São Jorge reunidos e apresentados por Pedro da Silveira* tem 22 folhas na já referida caixa 10. A vida dos marinheiros florentinos e corvinos também lhe inspirou, em 1983, um projecto de folheto de «literatura de cordel» com antecedente notório na Ode ao Rio de Nemésio (1965) e noutras «brincadeiras» de Ruy Cinatti e de José Blanc de Portugal logo em 1974-75. Mas também aqui é preciso admitir que até o próprio legado da geração de folcloristas e linguistas açorianos que havia inspirado Pedro da Silveira se esfumou definitivamente no virar do século, e que ao grande privilégio duma expressão popular

diferenciada, ilha após ilha na geografia do arquipélago, não é hoje dada a devida conta «científica» ou qualquer outra, a não ser — e não quero ser injusto com ninguém — por Victor Rui Dores, na Horta. Ainda assim, chamo a atenção para *Esboço duma monografia. A Fajã Grande na Ilha das Flores*, manuscrito completo datado de 1955, e para o caderno de 1943 — tinha ele apenas 21 anos — em cuja capa escreveu o título *Natal, Ano Bom e Reis. Apontamentos etnográficos e folclóricos* | Pedro da Silveira (caixa 18).

Na parte do espólio relativa à Correspondência, encontrei uma gentilíssima carta de Luís da Silva Ribeiro elogiando Pedro da Silveira pelos seus artigos na *Seara Nova* de comentário do relato da viagem de José Leite de Vasconcelos nos Açores no verão de 1924, depois transportos para pequena brochura. O epistolário com João Afonso, muito abundante e regular, destaca-se de todos os outros e se não justifica uma edição anotada, merece ao menos ser estudado — quando integrada a parte inversa — como documento duma época na história recente dos Açores. O contacto entre eles começou, aliás, de forma bastante formal, em Agosto de 1962, num processo de oferta de 2000 livros das estantes de Pedro da Silveira à Biblioteca de Angra do Heroísmo, pois então o nosso florentino, após um semestre em Itália, segundo informam carimbos de fronteira num passaporte, decidira ir viver para o país de Dante e Montale. Decisão a vários e bons títulos de extremo gosto e acertada, sem dúvida alguma, mas que — por razões desconhecidas — não se concretizou. Ganhámos bastante com isso e está na hora de honrá-lo. Um pequeno esforço, caríssimos açorianos!